

MEMÓRIA E IDENTIDADE FRANCISCANA A PARTIR DA LEITURA DO ACERVO DE OBRAS RARAS DA UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Cleonice Aparecida de Souza¹

Se as “palavras” só remetem às “coisas” na medida em que assinalam igualmente sua ausência, tanto mais os signos escritos, essas cópias de cópias como diz Platão, são, poderíamos dizer deste modo, o rastro de uma ausência dupla: da palavra pronunciada do fonema e da presença do objeto real que ele significa.

Jeanne Marie Gagnebin

Este artigo contempla o acervo de Obras Raras do Sistema de Bibliotecas da Universidade São Francisco (USF), visando rastrear a memória e identidade dos franciscanos ali presente a partir da leitura da composição do acervo. Seguimos os rastros das memórias da Biblioteca de Obras Raras da USF que reúne publicações centenárias, livros e obras de referência relevantes à memória das políticas públicas de nosso país e história da educação brasileira. Consideramos que tais conceitos estão intrinsecamente ligados constituindo-se, mutuamente, num processo no qual a primeira dá substrato à segunda (NORA, 1993).

Enquanto construção, a memória está também sujeita às questões da subjetividade, seletividade e, sobretudo, às instâncias de poderes. A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro (LE GOFF, 2003).

Na perspectiva de Le Goff (2003, p. 469) “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, mas memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder.” Além disso, e indo ao encontro das contribuições teóricas de Nora (1993, p. 21-22) entende-se por lugar de memória que,

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre [...]. É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número, uma maioria que deles não participou.

Por trabalharmos com os acervos da Biblioteca de Obras Raras da USF e com um olhar mais atento observamos a exteriorização das lembranças individuais e sociais, ali onde documentos, imagens e objetos ascendem à função de depositários de memória. Descobrir e percorrer as prateleiras de uma biblioteca pode ser comparado a uma viagem metafórica

¹ Doutora em Educação pela UNICAMP; Universidade São Francisco; Bragança Paulista, São Paulo, Brasil. E-mail: cleo_souza@uol.com.br.

(COLOMBO, 1991), em que os objetos encontrados transformam-se em sinais e em indícios de acontecimentos distantes.

Entre passado e presente as materialidades transitam, principalmente, os que atuam no âmbito da gestão informacional, história e memória de instituições. Campo permeado, algumas vezes, pelas disputas de poderes e na dimensão dos embates que definirão o que será lembrado, como será lembrado, e também com aquilo que, não sendo lembrado, será esquecido: não somos só o que lembramos, somos também o que esquecemos (GAGNEBIN, 2006).

Para os frades franciscanos, a formação intelectual confunde-se com as origens da própria Ordem, fundada no início do século XII, tendo a sua frente Francisco de Assis. Sabe-se que ao longo dos séculos, em todos os países em que se fizeram presentes, os franciscanos mantiveram e cultivaram a formação acadêmica. Muitos deles foram professores de universidades como Paris e Oxford².

Constam dos relatos históricos franciscanos, a maioria das vezes narrados por membros da própria Ordem religiosa, que, desde a chegada dos franciscanos à colônia brasileira, sempre houve preocupação com a formação, teológica, moral e intelectual de seus membros, e foram muitas as criações de conventos com tal finalidade (MIRANDA, 1969). Por isso, desde a colonização, os franciscanos trabalharam, no início, entre os índios tanto na catequese quanto na formação de membros da Ordem e na educação de leigos.

Burke (2003) ressalta a importância de voltar o olhar e estudar as formas materiais dos livros, os detalhes sutis de tipografia e diagramação, argumentando que elementos não-verbais, entre eles a própria disposição do espaço, são portadores de significado. Constatamos que os livros que deram origem à Biblioteca pertencem às diferentes áreas do conhecimento, chegaram em quantidade variada e se encontram em estados distintos de conservação. As obras foram recebidas e acolhidas como parte das memórias das casas franciscanas no Brasil e, ao mesmo tempo, acrescentam mais dados sobre a história da biblioteca de obras raras.

A delicadeza e fragilidade das obras raras são admiráveis, desde a presente preocupação em salvar, organizar e conservar a herança cultural escrita, em meio a desestruturação material que marcou um período da história, acabaram por fazer dos livros um objeto de dimensões às vezes excessivamente imponentes, acentuando um caráter sacral e misterioso, posto que privilegiavam-se os aspectos visuais – solenidade e grandeza do formato – relativamente aos aspectos gráficos.

A luta pela construção e manutenção de uma biblioteca franciscana não apenas destaca as características deste grupo religioso, mas permite vislumbrar, quando verifica-se a história de sua criação e a vinculação dela no interior de uma instituição de ensino superior, como esta instituição constrói-se identitariamente, consolidando a visão formadora dos franciscanos. Os acervos têm a capacidade de registrar/narrar histórias pela sua trajetória, pelos critérios de seleção e de disseminação. Eles permitem explorar as múltiplas relações políticas, visões de mundo que se entrecruzam numa biblioteca. Entretanto Chartier (2007, p. 23) destaca que, se “[...] não é possível ficar com tudo que se escreve, é necessário estabelecer critérios para fazer escolhas”. Ainda, segundo este autor, a leitura não está ainda inscrita no texto e, não há, portanto, distância pensável entre o sentido que lhe é imposta por seu autor, pelo uso, pela crítica, e a interpretação que pode ser

² No século XIII, os franciscanos já ocupavam as cátedras nas universidades medievais e casas de estudo da Europa. Dentre eles: **Boaventura de Bagnoregio**: filósofo e teólogo escolástico medieval. Em 1243 entrou na OFM, tornando-se ministro da Ordem, em 1257, e também cardeal de Albano. Foi canonizado em 1482 e declarado Doutor da Igreja em 1588; **Guilherme de Ockham**: filósofo medieval entrou para a Ordem em 1300, estudou e ensinou filosofia na Universidade de Oxford; **João Duns Scotus**: filósofo e teólogo da tradição escolástica. Foi beatificado em 20 de março de 1993, durante o pontificado de João Paulo I; **Raimundo Lúlio**: escritor, filósofo, poeta, missionário e teólogo da língua catalã. Provavelmente, pertenceu à Ordem Terceira dos Frades Menores; **Roger Bacon**: filósofo inglês que descreve o método científico como um ciclo repetido de observação, hipótese, experimentação e necessidade de verificação independente.

feita por seus leitores; conseqüentemente, um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado. A biblioteca amplifica isto, na medida em que é pensada em escalas distintas do autor. A guarda do livro na biblioteca não se faz apenas pensando na sua proteção, mas também procurando dinamizar a sua leitura através do tempo.

Para isso não podemos pensar na biblioteca como um depósito, pois a maioria das bibliotecas que se volta para a pesquisa, opera como centros nervosos de transmissão e orquestram sistemas de informação preservando o passado e acumulando energia para o futuro.

Uma biblioteca também é um espaço que educa – lugar significado pelas memórias e histórias que lhes deram origem, signo que instaura uma dada visão de civilidade e erudição. Darnton (2010, p. 68) afirma que “[...] a biblioteca está disposta estrategicamente a agir como centro nervoso para coletar e difundir conhecimento” e ao pesquisar a Biblioteca de Obras Raras da USF, considerada um patrimônio, é possível ampliar a compreensão das histórias e memórias dos franciscanos e da presença franciscana na educação.

Considerações finais

Ao pesquisar o acervo de Obras Raras da Universidade São Francisco rastreia-se a memória e identidade dos franciscanos ali presente a partir da leitura do acervo. Entre passado e presente as materialidades transitam, principalmente, os que atuam no âmbito da gestão informacional, história e memória de instituições. Voltar o olhar e estudar elementos não-verbais são portadores de significado.

Por fim, a biblioteca é considerada um repositório do patrimônio intelectual e cultural que permite uma relação dinâmica entre conhecimento e pensamento – um espaço configurado como lugar de memória. A biblioteca permite pensar e refletir numa circulação e produção de saberes a partir do conhecimento preservado.

Referências

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII**. São Paulo: UNESP, 2007.

COLOMBO, Fausto. **Arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica**. São Paulo: Perspectiva, 1991. (Coleção Debate).

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 139.

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. **Os franciscanos e a formação do Brasil**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.